



A EQUAÇÃO QUE FALTOU A SIR WALTER RALEIGH OU É POSSÍVEL TERMOS HISTÓRIA OU INFORMAÇÕES DE RIGOROSA BASE CIENTÍFICA

Francisco Ruas Santos

A complexidade da interpretação do fato histórico é abordada, pelo autor, em múltiplas facetas.

A busca da verdade; os ensaios históricos predominantes para a história de base quantitativa e científica ou informação (nova roupagem da história); a multiimbricação, o número incalculável de facetas do fato e a inter-relação destas, ou dos segmentos em que o conjunto se fraciona, são alguns dos aspectos focalizados pela matéria, com a autoridade que sublinha o nome de Ruas Santos.

Sabemos que sir Walter Raleigh, quando preso na Torre de Londres, para ocupar o tempo, resolveu escrever uma história da Inglaterra. Mas, um dia, ao depor como testemu-

nha de um crime cometido no pátio da fortaleza, verificou que havia tantos e diferentes depoimentos quantos os que haviam presenciado o fato criminoso. Como poderia, então, apreciar aqueles fatos

incontáveis de um longo passado inglês que, além disso, não presenciara?

Desistiu, pois, do seu projeto.

O que presenciou Raleigh, quanto ao fato que testemunhara na Torre de Londres, expressa o moderno conceito para Informação: sendo esta uma *variedade caótica de informes*, desta se tem uma *percepção* a somar com outras.

Essa *variedade caótica* coaduna-se com outro conceito de Informação como estrutura multifacetada, de segmentos ou facetas multímblicas e inter-reagentes, o que propicia um número grande de percepções.

Aí está o que é inerente a todo e qualquer *documento*, *definido como conjunto de um suporte contendo dados e/ou informações, capazes de serem lidos e/ou interpretados pelo homem e/ou pela máquina*. Por exemplo, um recorte de jornal, um manuscrito de Ruy Barbosa e a pedra de Rosetta. A caneta esferográfica, com a qual se escreve, tanto quanto a pena, com a qual a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, são documentos, com a *mais valia* de *signo*, que são, por lembrar o portador da primeira e, a segunda, além da Princesa, a Abolição.

Como suportes, todos os documentos têm informações sobre sua factura e origem, além de informes e signos, vale dizer apresentam *sistemas de informação* deles inseparáveis ou sistemas de sinais que, de alguma forma, nos sensibilizam.

Assim, do mais simples ao mais complexo, o documento tem um *núcleo material* ou aparente, em torno do qual giram os dados, informes ou signos que, com esse núcleo, integram o documento. Tais partículas e o núcleo interagem, tal qual na estrutura do átomo. Quando penetramos na estrutura do documento, temos deste uma percepção de *variedade caótica*, a dominar pela *pesquisa ou levantamento de dados e informes, além de signos*.

Dessa forma, o documento, como o fato histórico são equivalentes a Informação no seu conceito de *variedade caótica* de dados, informes e signos, da qual há *percepções*, tão diversas quão diversos são os seres humanos que o observam ou analisam através do tempo.

Logo, estruturalmente FATO HISTÓRICO \equiv DOCUMENTO \equiv INFORMAÇÃO \equiv ÁTOMO.

Para concretizar o que vem sendo dito, tomemos um fato histórico, o ataque brasileiro a Monte Castello, em 29 de novembro de 1944. Ele ocorreu num trecho dos Apeninos, satisfatoriamente representado em carta topográfica na escala de 1:25.000, com elementos precisos como a vegetação, o solo, construções e clima presentes naquele dia.

Admitamos que tenham sido mil os brasileiros que do ataque efetivamente participaram e duzentos participantes no lado adversário. Temos, portanto, naquela

data, 1.200 participantes ou testemunhos, correspondentes à variedade caótica da informação global pertinente ao fato denominado ataque brasileiro a Monte Castello em 29 de novembro de 1944. As percepções quanto ao terreno e clima têm um denominador comum, próximo da imagem daquele na carta, e sensações dos participantes, respectivamente. Mas, se tomarmos a percepção de uma guarnição de metralhadora .30 do batalhão que atacava, instalada no ponto cotado X, diante de Monte Castello, sua percepção pode ser a de que, nesse ponto, não dispunha do necessário campo de tiro e, assim, carecia de condições para deter um contra-ataque. Se foram 120 os guarnecedores de posições de tiro análogas, temos aproximadamente o mesmo número de percepções, mas todas diferentes entre si, pois, no mínimo, variaram as condições do terreno e inimigo, além das fontes que registraram essas percepções, as testemunhas, no caso consideradas como fontes ou documentos. Essa variação individual decorre do fato de que os seres humanos são únicos ou diferenciados entre si. Logo, uma percepção abrangente e expressiva do conjunto do ataque ou do fato histórico depende, primacialmente, de um levantamento e de uma análise de todas essas fontes, em princípio.

Ante a resistência do inimigo, o ataque fracassou. Mas poderia ter sido vitorioso, se outras tives-

sem sido as condições do apoio artilharia-aviação ou da densidade da tropa empregada na área enquadrante de Monte Castello, tais as que existiram no dia 21 de fevereiro, quando Monte Castello foi conquistado.

Do ponto de vista da História Pragmática, as conclusões sobre cada um desses ataques, ou os dois em conjunto, indicariam a correção necessária ao bom êxito de uma operação análoga.

Um relatório sobre o que aconteceu face a Monte Castello na primeira parte da jornada de 29 de novembro de 1944 seria peça de História Descritiva, além de informação para a História Pragmática. Além disso, dados nele contidos interessariam à História Quantitativa, básica para a História Pragmática. E todas essas histórias também pertinentes à Informação relativa ao ataque de 29 de novembro de 1944.

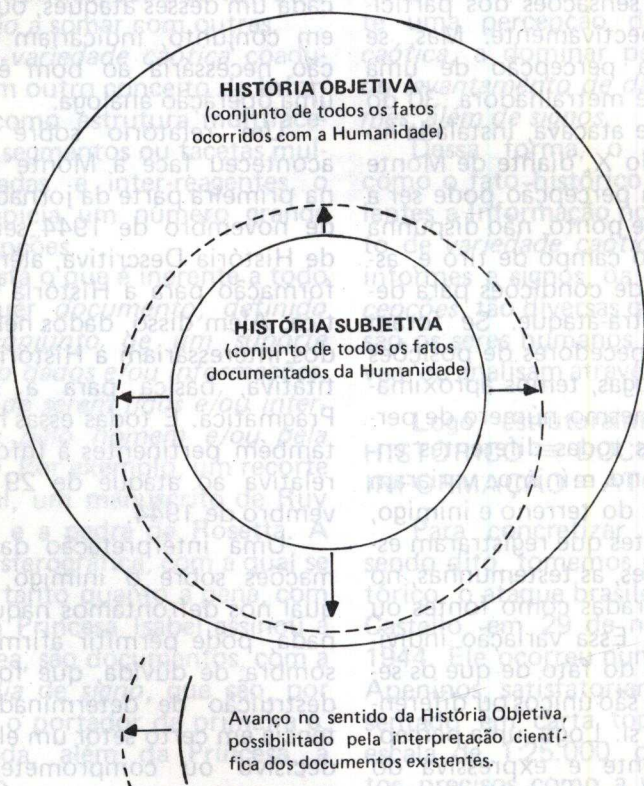
Uma interpretação das informações sobre o inimigo, com o qual nos defrontamos naquela jornada, pode permitir afirmar, sem sombra de dúvida, que foi a não destruição de determinada resistência em certo setor um elemento decisivo ou comprometedor do bom êxito do ataque, muito embora inexistia documento do lado alemão para permitir tal conclusão. Portanto, de fatos dominados no campo da História Subjetiva, foi possível avançar no campo da História Objetiva. Aí uma das razões que impõem o domínio de

todas as fontes existentes no acervo documental da Humanidade, ou, em síntese, permitem a busca da Verdade possível.

Se ampliarmos esse micromodelo a todas as formas de História, em qualquer escala, fica bem claro que toda ela, como Informação, é altamente complexa, como com-

plexas são as atividades a desenvolver, para sair dos *ensaios históricos*, que sempre predominaram, para a História de base quantitativa e científica, ou Informação.

Graficamente, podemos isto assim expressar, generalizando o exemplo do ataque de 29 de novembro de 1944 a Monte Castelo.



Para que sir Walter Raleigh não desistisse do seu ambicioso projeto, teria sido necessário que todas as fontes da História da Inglaterra estivessem dominadas e que ele próprio dominasse, tal como hoje é possível, além de im-

prescindível também, a Ciência da Informação, representada pela teoria desta, e, é claro, de tudo o que ainda se precisa saber quanto às antigas disciplinas auxiliares da História.

Em conclusão, História, em úl-

tima análise, é Ciência e, segundo Karl Marx, "a única e verdadeira Ciência", como Informação que é.

Recorramos, agora, a uma outra percepção daquele ataque, para vislumbrar a dura realidade da complexidade da História ou Informação, esta nova roupagem daquela.

Naquela manhã do dia 29 de novembro de 1944, em companhia do seu motorista, subia o signatário o caminho de Gaggio Montano para Bombiana, quando deparou, atrás de uma casa, com um soldado brasileiro, armado e equipado, falando coisas desconexas. Mais adiante, encontrou um colega de turma, subcomandante de uma das companhias do III Batalhão do 119 R.I., entregando-lhe parte do material que trazia. No alto da colina, à esquerda do seu itinerário, estavam alguns oficiais do estado-maior da Divisão brasileira, entre os quais o então Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco. Mais adiante estava o comandante da companhia reserva falando no telefone de campanha. Em Bombiana, posto de comando desse batalhão, apresentou-se ao seu comandante, que se queixou do atraso em receber armamento. Entendeu-se com o subcomandante e trocou algumas palavras com outro colega de turma integrante do batalhão que fora substituído pelo III, durante a noite de 28 para 29. Ao voltar, presenciou a evacuação de um ferido brasileiro.

Estacionando junto a uma casa, por ali passou, também de volta, o General Mascarenhas de Moraes, que advertiu, rispidamente, o seu motorista quanto à posição em que deixara a viatura.

Durante todo esse tempo, metralhadoras e morteiros não cessaram de atirar.

Eis sua percepção do ataque a Monte Castello em 29 de novembro de 1944, frustrado quanto à conquista dessa posição.

Terminada a guerra, o interesse do Exército quanto ao aperfeiçoamento da sua doutrina está em reconstituir o feito de 29 de novembro de 1944, segundo o maior número de conceitos, dentre os quais: *motivação para o combate, conduta das operações, manobra e chefia*. Se foram mil os participantes do nosso lado, para avaliar esses aspectos, com precisão, será preciso recolher os correspondentes testemunhos. Para raciocinar, admitamos, por exemplo, que 800 combatentes depondo sobre a *motivação para o combate*, segundo uma escala de 0 a 10, tenham permitido concluir que teve grau 4. A conduta daquele soldado neurótico ou apavorado, como a de outros possivelmente nas mesmas condições, nem todas evidentes, foram informes ou dados para se chegar a essa avaliação final, assim como a atitude do General Mascarenhas de Moraes, relativamente ao seu motorista, é um dos muitíssimos aspectos da sua biografia, excepcional, talvez, mas elemento

a considerar obrigatoriamente, por se relacionar com seu estado de espírito ante o fracasso da operação. Mas só outros testemunhos poderiam permitir uma conclusão precisa ou verdadeira quanto a este particular, biográfico ou de chefia.

Há cerca de cinco anos, lembrando o ataque com aquele meu primeiro colega de turma, disse-me ele: "Depois que você continuou para Bombiana, uma viatura 3/4, dando marcha à ré, esmagou o material que você me tinha entregue". Eis uma microinformação que inter-reagiu com a necessária ao possível emprego da companhia-reserva.

Quanto ao objetivo deste trabalho, o que importa ressaltar nesse conjunto de informações por mim percebidas, dentre as da enorme variedade expressa por quase centenas de outras, é a sua multi-imbricação, o número incalculável de facetas do fato e a inter-reação destas ou dos segmentos em que o conjunto se fraciona.

O comum, em História — aquilo que chocou Raleigh — é *cada testemunha* dar a sua versão. Isso é feito oralmente ou por escrito, gerando-se uma fonte fidedigna, se a memória é boa e não está presente a má fé ou a intenção de desinformar. Raleigh devia ter considerado o dito "cada cabeça cada sentença" e, se conhecesse a Teoria da Informação, talvez não tivesse desistido do seu projeto ante a diversidade de versões para um mesmo fato. Levantadas todas as versões,

um historiador, juntando documentos, os analisaria, quantificaria seus informes, interpretaria estes, compondo a *versão aceitável*, de rigorosa base científica. Ou diria que a verdade não podia ser determinada.

Mas, o excepcional, *no presente estágio de carência de domínio de fontes*, é precisar a Verdade ou afirmar que esta não pode ser atingida ainda ou jamais.

No caso do exemplo, após o *levantamento de todas as fontes*, o excepcional será, com base na quantidade dos informes nelas contidas, dizer, sem sombra de dúvida, que o grau de *motivação para o combate*, entre outros aspectos, teria sido de apenas 4, naquele ataque a Monte Castello. Isto quanto à História Quantitativa. Quanto à História Pragmática, teria sido necessário precisar o porquê desse índice, o que implicaria numa pesquisa que permitisse chegar à conclusão irretorquível de que os fatores de tão baixo índice teriam sido tais ou quais. Far-se-ia então História Interpretativa, expressa ou não por escrito, sob a forma de narração, o mais antigo conceito da disciplina Histórica.

Como quer que seja, o caráter científico dessa disciplina só terá sido atendido, se:

1— trabalharmos com *conceitos* precisos, tal como, por exemplo, o expresso em *motivação para o combate*, absolutamente necessário para se empenhar uma tropa em combate (ou-

tros conceitos preconizados pelo nosso Estado-Maior do Exército são, ainda por exemplo, o de *chefia*, o de *manobra*, os *logísticos*, sem os quais não se poderia elaborar uma História Pragmática);

2— aplicarmos com rigor os ditames das tradicionais disciplinas auxiliares da História (num caso conhecido do signatário, para licenciatura em História, na União Soviética, teria sido preciso o credenciamento em Paleografia).

Todos os conceitos, como os fatos históricos, desde os maiores até os menores, devem estar codificados no básico e moderno instrumento de trabalho do pesquisador cultural, que é o *tesauro*.

Assim, por exemplo, a História da FEB já tem um tesauro, subdivisão do *Tesouro Cultural Militar Terrestre*, elaborado pelo Centro de Informações Culturais, representado pelo signatário, em projeto patrocinado pelo Estado-Maior do Exército, cujo esboço, a ser testado, abrange nove volumes com 250 laudas cada um.

Um tesauro, além de permitir indexar informações de fontes históricas, deve expressar, principalmente, a *organização do conhecimento*, peculiar a cada área do saber humano, ou sua Epistemologia. Assim, por exemplo, fatos e aspectos que compõem a História da FEB, se completamente levantados, qualquer pessoa, dispondo

das necessárias cartas topográficas, poderá reconstituí-la, com maior ou menor extensão e profundidade, na medida das fontes de que se utilizou, referidas segundo os conceitos do tesauro dessa história.

Neste caso, um arranjo quanto a fatos de interesse da doutrina militar terrestre, sob a forma de tesauro pode ser:

Ataque a Monte Castello 1944
nov. 29

Quanto a operações

Batalhão III-11

Companhia de Infantaria 7-11

Companhia de Infantaria 8-11

...

Quanto a informações necessárias à doutrina

Motivação para o combate
Suprimento

Chefia¹

...

Complementarmente, pode-se ver que uma fonte abrangente da História da FEB provavelmente terá incluído esse ataque. Mas ela terá de ser compulsada inteiramente para se levantar os informes que lhe dizem respeito. Se outra fonte que ao ataque exclusivamente se dedique for catalogada sob FEB, que é o que em geral está acontecendo, por falta de tesauro nos órgãos de documentação, ela não poderá ser imediatamente *revogada*, o que significa *perda de tempo* pa-

ra o pesquisador, além de representar o mesmo para quem o atenda nesses órgãos. O certo ou mais moderno é dispor-se de *tesauros abrangentes* para cada área do conhecimento humano, a fim de que se possa catalogar ou indexar com precisão, atendendo-se idéia original de informática (ou *informação automática*), ainda que não exista computador. Hoje, por falta de tesauros, é possível não se ter informática original quanto a fontes referenciadas em computador, assim transformado em *instrumento incompetente*.

Por falar em computador, lembremo-nos de que ele é indispensável hoje na pesquisa histórica, tanto pela sua capacidade de armazenar informes e dados, em quantidade cada vez maior, quanto por auxiliar a análise e a síntese, não mais possíveis através das tradicionais "fichinhas".

Assim, além das tradicionais "ciências auxiliares da História" como a citada Paleografia, temos hoje outras também imprescindíveis, do campo da Ciência da Informação, tal a referida Epistemologia, dentre muitas outras, desconhecidas ou inexistentes no tempo de Raleigh.

A este faltou ainda outro elemento essencial da equação necessária para que não desistisse do seu intento de escrever uma história da Inglaterra: a existência de um *sistema de informação* pertinente à sua pátria, entrosado com outros sistemas dos países com que ela se

relacionara através do tempo. Tal sistema devia abranger todas as *informações necessárias*, decorrentes de uma análise completa de todas as fontes históricas inglesas ou relacionadas com a vida inglesa, existentes noutros países. Eis uma realidade que, para o Brasil, ainda está longe de se concretizar.

Se tal ocorresse, Raleigh, já não ignorando a possibilidade de chegar a uma percepção aceitável ou verdadeira para cada fato histórico, poderia ter a certeza de que uma percepção desse tipo teria sido possível quanto aos fatos do passado, exceto quanto àqueles carentes de informações capazes de precisá-lo cientificamente. Em linguagem da Teoria da Informação, é preciso, primeiro, dominar o Tamanho da Ignorância relativamente ao passado, para, através do devassamento progressivo da ignorância, podermos saber ou conhecer o que do passado restou sob a forma de documento ou fonte, autêntica e verdadeira.

Mas a História é feita também de *incertezas*, a deslindar quando se dominar todas as fontes, com a condição de informar o historiador sobre incertezas ou hipóteses, o que hoje em dia não é muito seguido, pois a disciplina História está "politizada".

Em síntese, História é Informação, esta é altamente complexa e difícil de dominar, principalmente porque ainda não dominamos as fontes históricas, tarefa que aumenta exponencialmente, em har-

mônia com a tremenda “explosão das informações” que assola o Mundo neste final de século.

Quando as informações necessárias estiverem dominadas e armazenadas em bancos de dados inter-comunicantes, todos ficarão livres para pensar ou criar em qualquer área do saber humano. No caso da disciplina História, livres para pensar ou criar em História Interpretativa ou Filosófica. No estágio da Informação em que se encontra o Mundo, estamos *filosofando* muito na disciplina, antes do *viver*, que é o pleno domínio de fontes. Dando, pois, razão a Shakespeare, quando põe na boca de Hamlet:

“Há no céu e na terra, Horácio, bem mais coisas

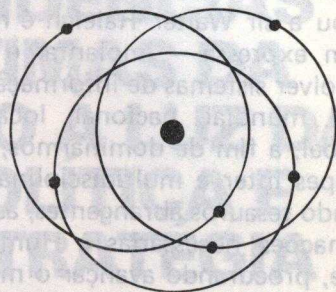
Do que sonhou jamais vossa filosofia.”

Outra noção fundamental nesta série de considerações é a posição da Informação na cosmovisão einsteiniana de massa = energia $\times V^2$, ou o Mundo composto de matéria, energia e luz. Tal qual, como no dogma da Santíssima Trindade, três pessoas distintas, numa só verdade, Deus ou luz.

Todo e qualquer documento é um *suporte* (matéria) de *informação* (sistema de sinais equivalentes e energia) transformável em luz pela combustão ou forma correspondente, como ocorre com o átomo, em sentido figurado, enxergando-se ou iluminando-se melhor o passado.

Assim, nessa cosmovisão, Informação é Energia.

Como energia, a informação tem estrutura análoga à do átomo. E pode ser, tal como este, assim representada, quanto a um fato histórico:



O documento e o fato nele sistematizado correspondem ao núcleo do átomo. Em torno desse núcleo volteiam as informações ou percepções do documento ou fato, partículas que, com o núcleo, compõem o átomo.

Tal como ocorre no caso do átomo, geralmente conhecido, para verdadeiramente caracterizar o fato histórico é preciso *desintegrá-lo* segundo todos os seus elementos componentes, para podermos chegar, se possível, à sua compreensão total, correspondente à *fissão* ou *fusão* produtoras de luz ou saber. Por outras palavras, gerando toda a Energia que se identifica com Informação.

E para quê? Para que esta possa cumprir o papel que dela se espera: levar o ser humano, no gozo de sua razão, ou o grupo social não alienado, a agir ou deixar de

agir desta ou daquela maneira, progredindo sempre na busca da Verdade. Ao mesmo conceito correspondente ao tradicional "História (ou Informação), Mestra da Vida".

Em conclusão: a equação que faltou a sir Walter Raleigh é hoje assim expressa — implantar e desenvolver sistemas de informação a nível mundial, nacional, local e pessoal, a fim de dominarmos, em equipes inter e multidisciplinares, usando tesouros abrangentes, as informações necessárias à Humanidade, procurando avançar o máximo além do limite da História Subjetiva pelo terreno da História Objetiva.

Se assim acontecer, não haverá mais lugar para o juízo formulado por aquele magnata norte-americano, citado por José Honório Rodrigues em sua clássica *Teoria da História do Brasil* (1949):*

"História é uma balela".

Pois a disciplina História será a expressão da Verdade. Ou, não podendo esta representar, não será História ou Informação.

Como poderia ter Raleigh permanecido no campo da História escrita, quando faltava a equação de que tratamos?

Supondo que não tenha deixado diário ou memória, passaria seu tempo de prisão redigindo para a posteridade esses documentos, ou um deles, sem dúvida importantes fontes primárias, se plenos de verdade ou sem má fé.

Esta a solução para todos os tempos, em especial para se evitar que se continue na prática ilusória de reunir algumas fontes históricas e nestas basear um ensaio, sem antes precisar o tamanho da ignorância relativamente ao tema desenvolvido.

Louvados sejam, pois, os que por intuição ou plena consciência do que seja história de base científica assim procederam e procedem.



Cel Inf R/1 FRANCISCO RUAS SANTOS — É possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição *Histórica do Exército Brasileiro* (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o *Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes* (1976-1977) e *Informação e Indexação*.

* Em tradução do autor.